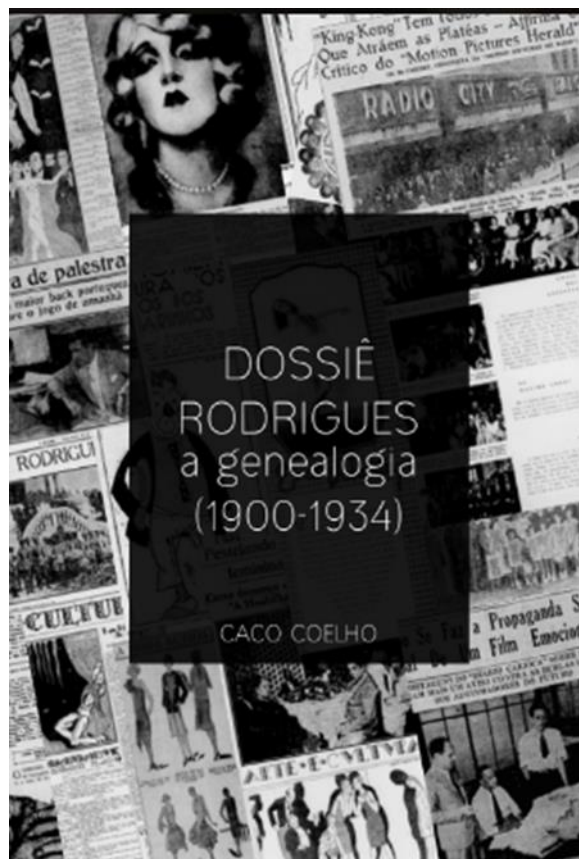


NA HORA CERTA, NO LUGAR EXATO

CACO COELHO



Bem que se poderia definir assim a passagem e, sobretudo, o princípio da trajetória dos Rodrigues, no que se refere ao sentido maior da obra deles todos: a brasilidade. O livro *Dossiê Rodrigues: a genealogia (1900-1934)*, mostra o percurso que foi necessário para que surgisse aquilo que vamos conhecer por “rodriguiano”. Me incomodava o fato alardeado de que o Nelson Rodrigues tinha passado em frente a um teatro, visto a fila, e decidisse escrever um dos maiores textos do teatro mundial, “Vestido de

Noiva”. A personagem principal deste texto é Alaíde. Em uma das suas falas, ela diz em alto e bom som: “Sou uma mulher sem memória”. Se se quiser, podemos entender como sendo esta fala direcionada à inexistência de um teatro de essência brasileiro, que possuísse uma linguagem genuína. Éramos, até então, revisteiros. Com grande influência francesa, o nosso “theatro” basicamente era composto de companhias de teatro de revista. Grandes atores e atrizes davam nome a companhias de teatro. Praticamente todos os teatros eram de alguma companhia, ou tinham contrato com elas. Ainda não tinham inventado o tecnocrata das artes, que fica sentado num gabinete ditando regras sobre uma arte e um mecanismo que não conhece. O teatro sequer esteve presente na Semana de Arte Moderna de 1922. Esta arte cênica necessita da existência do tipo, no caso, o brasileiro. Antes que isso aconteça, será preciso o desenvolvimento deste ser, que vai ganhando contornos de nacionalidade em meados do século XX. O Brasil tinha sido refundado há bem pouco tempo, na visão de Lima Barreto, que baliza o fim da escravidão e a Proclamação da República como os gestus de renascimento. Nesse sentido, será imperioso que primeiro este tipo se expresse. Vem da literatura regionalizada os primeiros sons da terra, que possibilitarão, mais adiante, a constituição da linguagem, essência do domínio das artes.

Mario Rodrigues, pai de Mario, Roberto, Nelson entre outros oito irmãos e irmãs, começou sua carreira com a mesma idade que Nelson vai começar, aos 14 anos de idade. As grandes cidades viviam sob o encanto das sociedades literárias. Mario vai ser o redator e, mesmo, criador de órgãos de divulgação destas sociedades. Logo em seguida, vai começar a trabalhar no veículo que será definitivo para os Rodrigues: o jornal. Para eles, o jornal é tudo. Vai funcionar como uma extensão da casa, onde os meninos, ainda de calças curtas, já frequentam as redações. A verve que Mario possuía, fazia com que fosse convidado para discursar em toda a espécie de evento que havia. Seja nos banquetes monumentais, que mostravam uma riqueza incapaz de hoje imaginarmos, ou na posse dos governantes, mesmo sendo gago. Em pouquíssimo tempo, Mario Rodrigues assume a redação do Jornal do Recife. Depois, do A República, se elege deputado algumas vezes. Se torna um dos, ou até talvez, o mais destacado polemicista. Se chamava assim os editorialistas, palavra que não era ainda utilizada. Dono de uma cultura assombrosa, vai ser o regente dos Rodrigues naquilo para o qual chamamos a atenção, da criação de uma linguagem brasileira. O cerne de seus escritos policromáticos esmalte, que lhe saltavam da pena iluminada com uma frescura que jorra das fontes e labaredas que emanavam de

sua obstinação, eram vocacionados a defesa de um Brasil imenso, capaz de produzir uma vida digna aos seus patrícios. Nesse sentido, não media esforços e era duma coragem exemplar. Enfrentou desde colegas jornalistas, como Assis Chateaubriand, até presidentes da República, com um destemor assombroso. Declarou guerra de morte aos ladrões do povo e nunca se vergou. Nesta colmeia de trabalho que se formava em torno da liderança de Mario Rodrigues é que seus filhos foram criados. Todos os varões, e até mesmo algumas das filhas, viveram o universo do jornal. Mario Rodrigues Filho será aquele que percebeu primeiro por estas bandas a dimensão da relação do futebol com o nosso povo. Se o Brasil é considerado o país do futebol, esta visão deve-se a Mario Filho. Tanto é que, o maior estádio do Mundo, leva o seu nome.

Roberto Rodrigues era considerado à época como o maior desenhista da América Latina. Passa pelas suas mãos o surgimento de Portinari. Ele será o esteta dos Rodrigues e, muito mais do que a sua morte estúpida, será a sua obra aquela que vai determinar em termos estéticos o teatro de Nelson Rodrigues.

Joffre Rodrigues, outro dos irmãos jornalistas, que teve sua morte precoce, pela mesma enfermidade que vitimara Nelson, era de uma alegria nos seus escritos que testemunharam o surgimento do carnaval, com a criação dos primeiros desfiles de Escola de Samba, entidades ainda incipientes nestes tempos em que o samba era proibido no asfalto. Como repórter, será um dos pioneiros a subir um morro no Rio de Janeiro e poder testemunhar aquela espécie de segredo que era guardado pelos favelados.

Nelson Rodrigues vai ser repórter policial, onde obtêm a experiência de um Balzac nesta atividade. Muito cedo começa sua jornada como cronista, contista e, o que mais se destaca nesta primeira etapa da sua carreira que vai cumprir mais de meio século, a de crítico das artes. Começando pelo teatro, passando pela literatura, dança, artes visuais, destacadamente o cinema, de quem se torna um *publicityman vertiginoso*, e da ópera. Curiosamente, no momento que atuava na divulgação de filmes, nos eventos que acompanhavam as sessões de cinema, vai ser o responsável pela divulgação das primeiras apresentações para o público daqueles que começavam a fazer sucesso no novo veículo que ganhava espaço, o rádio. As vozes de Noel Rosa, Ary Barroso, Carmen Miranda, Almirante, pela primeira vez seriam conhecidos de uma plateia que já os idolatrava, por meio dos “Broadway Cocktail”, divulgados por Nelson Rodrigues.

O *Dossiê Rodrigues: a genealogia (1900-1934)* busca evidenciar uma constatação: a conspiração que foi feita pelos Rodrigues para que surgisse o

“rodriguiano” como um caminho estético. A verificação é que essa conspiração extrapola os Rodrigues ao comungar com boa parte daquela geração de jornalistas, coautores deste livro. O esplendor da linguagem utilizada, a riqueza, o contraste, os sabores daquela época somente mantiveram-se vivos pela beleza fascinante que esses escritos possuem. Portanto, mais do que um agradecimento, é um reconhecimento. Trata-se de um livro escrito a centenas, quiçá, milhares de mãos.

Dessa forma podemos observar que, a linguagem, o futebol, o samba, os cantores de rádio, como expressão da música nacional, todos estes eventos inauguradores, passaram pelas mãos dos Rodrigues e ganharam sentido de brasilidade. Os Rodrigues foram muito mais do que divulgadores desta boa nova, foram cúmplices, sabedores de que isto era um valor revolucionário.

Caco Coelho (coelho.caco@gmail.com). Diretor, pesquisador, produtor, ator, jornalista e professor, Caco Coelho é o autor do livro *Dossiê Rodrigues – a genealogia (1900-1934)*. Laureado em Artes Visuais, Mestrando em Educação pela UFRGS. Foi responsável pela descoberta e edição de 7 livros de Nelson Rodrigues. Escreveu a coluna “Crônicas da Cena” no *Correio do Povo* por 5 anos, que resultou o livro *Sábado*. Dirigiu 17 peças, entre elas: “A Tempestade”, de Shakespeare (CCBB/RJ, 2000); e “Vestido de Noiva”, de Nelson Rodrigues, (*CCBB/RJ, 2012). Na televisão, dirigiu 300 capítulos de novela, na Globo e no SBT. Dirigiu a Usina do Gasômetro, em Porto Alegre, por 10 anos (2004-2014), quando foram realizadas 15 mil atividades culturais. Primeiro lugar no prêmio Trajetórias Culturais, entre 5 mil concorrentes, SEDAC/RS.